

# Centro de Estudos Baianos

JOSÉ WANDERLEY DE ARAÚJO PINHO

CARTA DE GUIA DE LICENCIADO

PUBLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA

86

30 de Outubro de 1979



Composto e impresso na  
Gráfica Universitária  
Salvador - Bahia

JOSÉ WANDERLEY DE ARADIO PINHO

CED/UFBA  
POSTO DE VENDAS  
Rua João das Botas, 29  
40.000 - Salvador-BA

TÍTULO nº 86  
IES: CEB  
Preço: 2.000,00

BIBLIOTECA  
Recursos Humanos  
UFBA  
1096, 93  
doeas

### CARTA DE GUIA DE LICENCIADO

SALVADOR — BAHIA  
1979

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração da UFBA. 3º pavimento — Av. Miguel Calmon S/N — Vale do Canela.



#### APRESENTAÇÃO

Gratas ao solícito empenho de José Gabriel da Costa Pinto chegou às nossas mãos, após vinte e três anos de ansiosa espera, a cópia do ambicionado discurso de paraupeba da turma de licenciados e bachareis de 1956, pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFBA.

Hã muito, perseguíamos o objetivo de publicar a oração de paraupeba do notável historiador baiano, José Wanderley de Araújo Pinho, cuja candidatura, juntamente com os quatro colegas do curso de Geografia e História, ardorosamente advogávamos.

É que aquele extraordinário professor reunia, pela natural fidelguia e finura no tratamento dispensado ao aluno, como pelo incontestável conhecimento e segura interpretação dos fatos históricos, um incomparável estilo de comunicar os seus amplos ensinamentos da disciplina que ministrava. Assisistiu, pois, suas eruditas preleções, era um privilégio que nos todos valorizávamos.

Quanto a este discurso, que ora publicamos, foi ouvido com enlevo por todos os presentes, no salão nobre da Retórica, em sua são solene, realizada à noite do dia 10 de dezembro de 1956. Escutaram-no os circunstantes embevecidos ante a arrebatadora eloquência do primoroso orador, longe de suportem que assistiam à última lição proferida pelo extraordinário Mestre. Ejetivamente, esta foi a última aula de Wanderley de Pinho na Bahia.

Lembrando aspectos daquele acontecimento, em artigo publicado na edição de 08.03.77 de A Tarde, sob o título "Evocando Wanderley de Pinho", assim nos expressamos: Vale recordar também sugestivos episódios que se desenhavam durante a época em que privei de seu convívio, os quais degnem bem a sua tẽmpora

de escol. Eramos cinco os Diplomados em Geographia e Historia pela então Faculdade de Philosophia e Ciências e Letras da UFBA. Em boa pouca numerosos, conseguimos fosse Wandenberg de Pinho o parafinjo da turma que se diplomava em 1956, facto decorrente da preferéncia que seu proprio renome impunha.

Ao procura-lo, a fim de efectuar o convite para que fosse padrinho da colação de grau, ouvi a declaração de que, agastado da Bahia, vez que já havia se transferido para o Rio de Janeiro, a outro professor deveria caber a homenagem.

Sabia, porém, que nenhum outro nome lhe faria sombra, por que inigualáveis eram os seus méritos de renomado intelectual e festejado historiador.

Instando para vir à Bahia, a fim de patrocinar a noite festiva de 10 de dezembro de 1956, hesitou um instante, para finalmente aceder a vontade de muitos.

Grave ocorrência universitária, no entanto, conduziu a turma a dissensões de que resultou a divisão da mesma entre os que colaram grau com solenidade e aqueles que a preferiram simplesmente na Faculdade.

Durante todo episódio em que se dividiram os colegas, até então unidos pelo mesmo ideal, ressaltou a liberdade com que se conduziu o Mestre Wandenberg de Pinho. Comparando a algumas assembleias estudantis, comprometendo-se em garantir pela conduta dos seus alçados durante a cerimônia da formatura, revelou-se o homem cuja finura no trato era o traço inconfundível da sua personalidade.

Introduzido, por um grupo de professores da Faculdade de Filosofia, no salão iluminado para a nossa festa, atravessou a sala vo e elegante a ampla passarela acatretada, dirigindo-se para a mesa solene onde tomou assento entre as demais autoridades. Com vida a profecia sua oração, abriu a tribuna universitária em "smoking" impecável, expressão a transluzir impressionante beleza varonil, a fronte já emoludada por belíssima cabeleira pra

teada. Recordo ainda como se fosse hoje, a mais bela oração de parafinjo que jamais me foi dado escutar, aprendendo então a mais primorosa lição de história profecia pelo grande Mestre de História da Bahia".

Este discurso é, por sem dúvida, uma peça literária de melhor qualidade, vazada no estilo primoroso do inigualável Professor, cujas aulas, profecias com brilho semelhante às magníficas páginas que escrevia perduram indelevelmente nos arcanos de nossas mais queridas memórias.

Lembrando-nos ainda, do seu entusiasmo ao debater os temas da história pátria e o amor e patriotismo exaltados nos comentários de fatos do passado baiano. Não que os colorisse com lances de misticismo ou de ufanismo inundados, mas pelo facto de que sem pre comentou a história com o ardor dos que dela se fizeram partícipes.

Nas preleções inovadoras e jamais repetidas, ao que nos conta, por nenhum lente de História da Bahia, quando, em vãos nactes, em companhia de seus alunos, apontava-lhes os sítios históricos em que se desenvolveram as lutas pela independência baiana, ou nas árduas viagens, em ônibus cedidos pela Universidade, através de caminhos então ásperos e poeirentos, conduzia-nos a Abrantes, a Garcia D'Avila e outros lugares históricos, vibrava alta, soante, fluente, precisa, a voz bem modulada do Mestre, impressonante na sua invulgar postura distinta e na autoridade de sua força moral e intelectual.

Len as páginas que se esgolem é ten de novo, conosco, a presença do Grande Historiador.

Ao editarmos, pois, esta notável oração, gostaríamos de registar o penhor do nosso reconhecimento aos que nos possibilitaram a grande oportunidade. Rendemos, assim, nossas homenagens à gentileza da Sra. Emée Bastian, chefe do Arquivo do Instituto Histórico Brasileiro e à prestimiosidade da Profa. Lígia Maria Alba da Silva, pesquisadora da mesma Instituição, graças a

quem foi possível localizar o discurso em apreço, em meio a grande coleção particular, todavia, ainda não organizada.

Feitas essas observações, rendemos ainda o preito da nossa admiração à ilustre Sra. Stella Calmon de Wanderley de Pinho, DD. viúva do pranteado e inesquecível Mestre, a quem, especialmente, dedicamos esta edição.

Consuelo Pondê de Sena  
Diretora do Centro de Estudos Balianos

Oração de parainfo na colação de grau aos bachareis e licenciados pela Faculdade de Filosofia proferrida pelo Professor José Wanderley de Araújo Pinho na noite de 10 de dezembro de 1956 no salão da Reitoria da Universidade Federal da Bahia

A cerimônia desta noite arremata e inicia, enchendo vossos jovens corações de ânsias e saudades; e os de vossos mestres de suaves recordações, misturadas a esperanças, que já são celestias.

Estes ritos universitários estão dizendo: "ide e ensinai". E para repertir-vos a exortação (que nos vem do Evangelho) quisesstes escolher-me, numa preferência que "honra e consola"; gesto de simpatia que me está dando o privilégio de praticar convosco uma última vez.

Em conversar assim com a juventude, haveria silêncios e incompreensões, como se dialogássemos em idiomas diversos.

Não são, por certo, as línguas que falamos, reciprocamente, incompreensíveis; dialetos, entretanto, da mesma intercomunicação cordial, podem dificultar a exata percepção dos céus e dos conselhos.

Mas a vossa generosa receptividade ajudará a decifrá-los e entendê-los.

Em vós, meus amigos, a imaginação é um fermento de devaneio, mas também de criação: em nós a experiência é a decantação do possível e estratificação do útil, uma cristalização que serve de alicerce às construções que fantasias, planeais e esboços dispostos a edificar.

Nestes encontros da experiência com a imaginação há meios termos de tolerâncias que se concedem, de transigências que se acomodam, razões que se compreendem. E é para elas que apelo nesta cordial carta de guia de licenciados, carinhosamente a vós dirigida meus queridos parainfados.

Não cuideis que, ao abrires aqui, assim e agora as asas aos mais largos vôos, venha o velho mestre atar pesos de temor aos vossos surtos.

Se vos digo o que direi, não pretendo vos despojeis da menor parcela de ousadia; de um ceitil sequer dessa riqueza rebelde que vos invejo.

Sem mágua reconhecemos - "os mais velhos" - diminuir

dia por dia nossa influência e poder sobre os moços ..... como a influência e o poder dos pais sobre os filhos, e dos homens sobre as mulheres.

Na continua ação e reação das idades ou gerações, a juventude ganha terreno, e até (deixai que vos segrede) tem ganho demais.

Os antigos já não são os privilegiados da sabedoria, (ou perícia que o tempo ensina) para dá-la como bombons a crianças.

Estais continuamente a criá-la, ou adquiri-la por vós mesmos.

Isto é mais briôso, ainda que mais penoso e talvez perigoso. E, quem sabe, se errado? ...

Este nosso tempo é o vosso século. Nós, os velhucos, vamos sendo despojados, esquecidos e mal ouvidos (ainda que mais avisados).

Não ignorais, entretanto, e todo dia o védes, que sabemos reagir ou adaptar-nos, prolongando e fortalecendo, com arte ou artifício, nosso poder de conselho, direção e comando.

Ireis, em breve, melhor sentir estes contrastes e aproximações, tais diferenças e nivelamentos, quando  *fingirdes*  de "mais velhos", ensinando a mais jovens do que vós.

Conversemos, pois, sem autoridade nem hierarquias, coisas que desde este momento o somos.

Ainda que fale ex-câthedra - sois almas de fina acústica, forradas de veludo, dentro das quais as palavras de boa intenção, inteiras e claras se expandem e embebem, sem eco ou ressonância que lhes pertube a limpidez da fidelidade e da amizade, da certeza dos prognósticos, da infalibilidade dos vaticínios de ventura e altura.

Eu tenho os olhos da observação pessoal - ai de mim! - muito e muito mais alongados ao passado do que os vossos. Posso, ainda que isso seja sumamente incômodo, binóculos parafusados nas órbitas. E quando olho para trás, vejo perto, nitidamen-

te aproximados, os panoramas longínquos, que se distanciarão, enevoaram e pereceram no tempo.

É consolo e utilidade ir tirando desses relances ao que aconteceu, advertências ao que ocorre, e lições práticas no uso das insinuações e promessas do que virá. Pena é, porém o sofrimento com essas lupas sempre atadas à vista, divisar o outro lado da vida. Porque os vidros não comunicam limpidez às imagens, a cerração não se dissipa ao olhar; as sumidades distantes do futuro não se aproximam (como as do passado), antes o que se enxerga, pegado a nós, como se a pudéssemos tocar, é a densa treva do fim.

Que fale pois ao presente quem viu e vê tantas cousas do passado.

O presente sois vós.

E sois também o futuro. Vós, sim, tendes os telescópios que mostram os mundos vindouros e as órbitas e regressos dos que se esconderam para reaparecer, muitos deles nimbados da fantasia enganosa de inconfirmadas esperanças e de aspirações malogradas, mas também outros e tantos irisados do triunfo, e todos atraídos vertiginosamente à constelação dos ideais de saber, justiça e perfeição.

A missão dos esclarecidos pelo estudo - a vossa missão - é alta, mas não deve ir além de moderada.

A agitação, a impulsão violenta, o torvelinho, a derruição - tudo isso é o destino das águas.

Mas vós sois nautas.

Por isso que acabais de receber carta de marear, e bússola e astrolábio, estais aparelhados para dirigir, e não ser levados pela força ou pelo capricho dos elementos, que vos cabe aproveitar e dominar.

Inclita é a vossa qualidade - timoneiros e não gruntes. A responsabilidade imensa.

O rumo que ides seguir, visa, além da individual, à fidelidade coletiva.

Sede fiéis à vossa missão e categoria; e ao vosso ideal. Bem sabeis como diferentes e melhores saís desta casa.

Levai pois as lições que aqui aprendestes como vozes de comando, distribuindo com outros o que aqui vos foi dado - ou em conhecimentos, ou em habilidades de os adquirir e de os transmitir.

Usei insinuar partis desta Faculdade aparelhados.

Futuidade universitária!...

O confronto do que aprendestes, com o que resta para vos instruídes pela vida agora, a todos nós morreria de vergonha - pelo pouco que sabemos; pelo pouco desse pouco que vos transmitimos e pelo pouco que fixastes do tão pouco que levais, agora, convosco.

Não importa. Foi sempre assim. Sempre o será. Esta impressão de insuficiência vos acompanhará por toda a vida, como a nós outros nos tem escoltado por tanto tempo; ela é sede de saber, e é fecundidade.

Que nunca vos deixe de estar a garganta seca e a inteligência picada desse ardor e desse apetite, ainda que vos queixeis de vos termos apercebido de tão escasso viático para tão longa romagem.

O mais que podemos dar-vos foi justamente essa inquietação ansiosa de mais e mais vos ilustrar. E umas indicações de como aplacá-la e contentá-la: - não esquecer um só dia de recordar, e acrescentar e renovar o recordado; e duvidar de tudo o que souberdes e fordes aprendendo.

Sim, duvidar. Porque dúvida é incitamento à pesquisa da verdade, ou sua miragem; e é germen dessas indispensáveis "quimeras racionais e antecipações científicas" que a inteligência cria, deduz, ou poetisa, e sem as quais a mente humana seria apenas um depósito das experiências do passado.

Símbolo ou sinónimo de ignorância - pois se duvidamos é porque não sabemos, ou mal e incompletamente - sobre ela se construíram e continuam a levantar-se ciência e filosofia, em suas

constantes renovações.

Ganho e graça colhidos de vosso convívio universitário é a tendência ou capacidade crítica.

Não bastou haver aprendido, aumentado o património de informação. A Universidade vos deu o gosto ou a necessidade de perquirir fundamentos, completar o imperfeito, renegar o errado, repulsar o não provado, para, e só depois, julgar e afirmar.

Sem crítica a inteligência é escrava da memória.

Sem ela a dignidade de pensar abre mão das altas regalias, officios e pompas - de sentenciar.

Mas haveis de praticá-la como o magistrado aplica ou interpreta a lei: com austeridade. Por que não se confunda com ligeireza, nem conduza ao negativismo.

Creiamos na força do pensamento crítico, inconformado, ansioso de transformar e melhorar; mas desprezemos as formas violentas do desrespeito e da desordem como processos de realização, imediata e coercitiva, dos ideais de que momentaneamente estivemos possuídos.

Não confundamos a liberdade de pensar e querer para além dos pensamentos e cousas vigentes, com a exaltação destruidora ou corrosiva, truculenta e tumultuária, de regimens, instituições e crengas atuais.

Nunca fazedores de ruínas! Nunca empreiteiros de sonhos edificados sobre destroços e desolações!

Em meio à inquietação hodierna - igual à de todos os tempos (porque é a agitação e discontentamento dos homens e dos séculos), não vos atireis aos extremismos - que não solucionam, mas agravam.

Sede evolutivos, pausada e sensatamente evolutivos; em caminhadores da marcha normal dos fatos, das circunstâncias, da convivência e dos conflitos humanos; desprezadores das fórmulas peregrinas, que presumem de absolutamente sábias e geralmente salvadoras.

Não acrediteis em terapêuticas heróicas que aventuram

curas subitâneas a males crônicos, com transfusões venenosas ou amputações totais.

E não esqueçais, jamais: cada sociedade, cada povo ou nação possui uma alma, que não pode ser arrancada ou substituída.

No entreechoque das ideologias políticas, econômicas, religiosas, educacionais - reservai-vos não o papel de neutros que assistem; mas de prudentes que não se deixam levar e conduzir, antes observam, estudam, experimentam, repulsam, aceitam, aceitam, julgam e dirigem, aconselhando com circunspecção e realçando com energia.

Mas, em duvidar e criticar, não aprofundeis demais a lâmina do arado, até arrancar e assanhar a pizarra, o taubá sem humus, estéril e frio - de nem crer nem amar.

Defendei em vossa inteligência a simplicidade que gera simpatia e entusiasmo; e, parecendo pobreza de espírito, é antes, sua grande força geratriz.

Ide com a filosofia e vossos anelos de certeza (sempre incerta) só até onde a filosofia não vos mutilar a alma.

Não vos livreis da dúvida, que não é pecado. Buscai-a, até como virtude e utilidade.

Livrai-vos, sim, do cepticismo.

Nada de serenidade conformada e nihilista; nada de quietude inerte e sem bravura; de imobilidade consentidora e sem luta; de presenciar sem colaboração, desanimar diante das promessas e voltar a face às possibilidades do melhor.

Nunca falte em vós o lume de crer que, assoprado pela dúvida, aclarara os caminhos da alegria de pensar e os de força e honra de viver.

E se eu pudesse, assim tão em público, insinuar o que só se diz à puridade, pedia que resguardásseis pela vida fora aquele tesouro de intimidade e delicadeza, de ternura humana, sem o qual a vida só se reveste de brutalidade e aspereza.

Tanto mais os tempos de hoje são rijos em suas arestas

e bárbaros por civilização, tanto mais deveis apurar dentro do peito, poesia e bondade, esse crivo interior, que joelira as paixões e lhes tira toda iniquidade, purificando impulsos e julgamentos.

Não acorrenteis jamais a alma no que ela tem de altura, beleza, virtude e fé.

Acreditai no mais puro e elevado, e até no impossível.

Com o tempo ireis perdendo esse *élan* e atirareis cada vez a alvos menos distantes.

Mas resisti com ele quanto puderdes, até além do cansaço do bom senso, da fadiga da experiência, e da exaustão da *vélnice*.

Ponde alma em tudo o que fizerdes, isso satisfaz ao caráter, dá eficácia às tarefas, carreira perfeição à obra, inebria e eleva. Divinisa.

Algo existe na vida que tem caráter preciso e privilegiado irrecusável: o sentimento.

"*Nous aurons beaucoup vécu si nous aurons beaucoup senti*"

Não procureis nunca afocar em ciência a vossa capacidade de sentir, que talvez antes valha um poeta que um sábio. E o sábio bem pode, por junto, ser poeta.

Há lugar para a emoção, mesmo na mais álgida matemática, ou deduzida e calculada química, e nas complicadas leis de sociologia, ou nas aparentemente frias investigações linguísticas; e ainda no mais objetivo relato geográfico e enxuto arrolar de documentos históricos.

"Senti" o que estudardes e ensinardes.

Como a ética, a estética deve estar em tudo presente. Não façais nada a frio.

Já que começo esta monção em maré de conselhos - vício de velhos e função de parainfios: escutai mais alguns, sofrendo embora a avidez pelo momento final e jovial desta longa e severa cerimônia.

Recolhei-vos de quando em quando à solidão depuradora e enriquecedora. "O Solitário não está só". Sua alma se rodeia de múltiplas companhias amigas: o exame meditado dos motivos e dos fins; a propensão ao mais alto e ao mais puro, sem a perturbação de ataques e defesas, que são o trato com a coletividade.

Retirai-vos, uma vez por outra, para dentro de vós mesmos, como quem se restitui ao estado de natureza, para renascer depois, robustecidos dentro da vida contingente.

Considerai que contradizer e contestar são formas de co-laborar. Amai por isso vossos contendores, evitando, por todos os meios ferí-los na pessoa.

Respeitai aos que vos fores ou parecerem inferiores, pois estais cercados de muitos que vos julgam e a quem pedis ou exigis que vos respeitem.

A tolerância é prova de sapiência e conduz à bondade - que é virtude, ao sossego d'alma - que é felicidade.

Nunca malinsins alguém por suas idéias; ainda que se-jais a elas visceralmente contrários. Combatei o erro mas sem ódio ao que errou.

Se prevenções ou antipatias parece serem o tributo in-evitável e duramente cobrado no decurso da vida, há meios de re-s-tringuir tão funesta contribuição.

Que o rancor, a asperza, a injustiça nunca promanam da filosofia, da religião, da ciência, da arte. Deixai que se ex-pandam na política, quando ela apaixonada por ambição e no in-te-resse quando desvalira por cobiça.

Evitai, se puderdes, a política partidária e militante (aqui vos fala um experimentado e aposentado).

Bem melhor para a coletividade e mais útil e agradável para vós, agir atrás da cortina, nos bastidores, como censores ou técnicos.

Muito governam as influências indiretas ou ocultas. Sua direção dissimulada e branda não raro melhor guia os povos que a ostensiva e forte.

Refleti outrossim em que habilidades de captar opini-ões, coleccionar votos, encaminhar multidões e maiorias, concili-ar os interesses gerais com os da região, do clan, das facções, dos partidos, dos indivíduos e os próprios - nada têm que ver com tudo o que daí se levais. Outra ciência e outra filosofia, se políticos de partido um dia fosseis, teríeis de aprender, não

"Sonhando, imaginando e estudando  
Senão vendo tratando e pelejando".

Tanto mais tenha o povo garantido o direito de escolha ou voto, quanto mais universal for o sufrágio, liberto de pelias, apurado com exação e respeitado com justiça, tanto mais o gover-no dependerá do poder da massa.

Se porém o governo para ser útil à comunidade deve ser exercido pelos mais capazes e puros, e pelos que tiveram forças de levar a termo aos mais convinháveis programas, é mister que a massa seja dotada de qualidades para opinar e, nas escolhas, acertar.

Aí tendes uma alta tarefa de ordem política, e o maior quinhão de vossa responsabilidade para com a nação.

É mais que tudo para semear cultura, educar a massa e levantar a moral do povo, que hoje daí se partis.

O tempo passou. E passou com ele a ciência dos livros e dos mestres para vossa memória. Mas não vos enriquecesteis ape-nas de conhecimentos.

A vossa Faculdade não podia ser uma mera agitadora de idéias doutrinas, noções (como numa garrafa se prepara um *chtail*), para que dela saísseis êbrios de cultura.

Ela aparelha missionários.

Se fosse um clube, onde se alimentasse o vício da filo-sofia, ou um cláustro de rezadores de ciência, amarrados a vo-tos perpétuos, a ela vos reteria.

Tendes todavia que partir.

A ciência que entesourastes nestas travessias por cur-sos e decursos acadêmicos - não é um ornato, jóia ou enfeite à

inteligência, em pompa exhibitória da vaidades doutrinárias; nem o sublimar do talento a elevações de onde devassam descortijos, em espetáculos... ou ilusões... de superioridade; ou tão só um tesouro íntimo para os recolhimentos sábios da meditação ou os gozos egoísticos da erudição.

Aqui vos armastes para lutas a que vos concitamos pela realização de altos propósitos, metas de felicidades pátria.

Em tais labutas tanto há de inspirar-vos a terra como o espírito.

A terra de que vos falo é a tradição, a poesia das origens, o amor à família ancestral e aos lugares por ela sagrados. Obedecei a essas forças telúricas. Elas têm em si a dimensão que aponta o norte.

Sois da Bahia onde há sugestões de elevação e beleza, que nutrem deveres de amenidade, ação e triunfo.

Não nos envaldeçamos ao reparar aquela sentença de Vianha que - se ufana como louvor, faz tremor como responsabilidade: - "a amenidade e primor destes terrenos... se realça com a presença de várias ilhas... É uma paragem esta da Bahia, por muitos títulos análoga à da antiga Grécia, e se é verdade que a impressão do lugar em que se é criado exerce no homem grande influência, não se deve estranhar que em todo o Brasil, os baianos se tenham sempre distinguido pelo engenho".

Não poderíamos deixar de ser conformes a tão imperiosa suavidades ambientes.

Senhoreia-nos e nos modela essa indizível influência sutilmente mltiaz, que instila uma espécie de prazer macio, de apegar-nos a tudo o que é formoso e sereno, e a fazer-nos deprezar ao que seja brutalidade; juncunda tendência a um estado de suprema graça helênica, inspiradora de atitudes e até de atitudes.

Se aqui e assim os incitamente da natureza criam o que o autor da "História Geral" chamou de o *engenho dos baianos* neste achareis a proporção e o equilíbrio grego, aliado à calma

formosura clássica, à energia dos que sabem idealizar e resistir, unidas habilidade e força que nos levam a cabo altas empresas.

Mas a alma baiana como a dos helenos, surdiu também da história, da tradição e da arte.

Aos que sabem, como vós, auscultar o coração das coisas; aos que ouvem e sentem além da superfície, capazes de pôr o ouvido sobre o peito dos panoramas, como ao das muralhas, dos templos e das mansões e das próprias pedras das calçadas e soleiras das portadas, a esses não refogem, tangidas pelo passado, modulações que sussurram tantos encantos da Bahia eterna.

A esses e para esses - e vós sois deles - pulsa em tu do uma vida que, aparentemente morta, inspira e comanda, ou pausada e dolente como a poesia, ou agitada e audaz como o entusiasmo.

Vive-se na Bahia plenamente pelo cinco sentidos, por que a Bahia por seus cinco sentidos faz, de nós e em nós o que somos e fazemos.

A vista é natureza e arte.  
O tato é brisa

O ouvido é o marulho das águas e das proezas do pretérito, e a música, real ou sugerida, que estamos sempre escutando.

O gosto é a culinária famosa, que é requinte.  
O cheiro é esse aroma que rescendem seus vales e bosques, perfume nem sempre percebido pelos que estamos, mas basta visitar ou regressar para o sentir e agradecer.

Não deixes, entretanto, que em vós prevaleça o que há de voluptuosamente narcotizante nesses amavios do ambiente histórico-cultural.

Há quem suspeite daí, venha não vingarem entre nós os maiores feriores da que chamam febre de riqueza e indústria, mutação a todo custo, para adiante, seja como for.

Aquilo nos remora o passo evolutivo, numa espécie de

epicurismo descuidado, enlelando-nos em ritmos de lenta melodia.

Em certa expressão muito nossa, malévolos encontrarão sintese e símbolo dessa incriminação, com que injustamente nos fustigam: "tomar fresco", quer dizer, estar parado, lembrando grandezas e engendrando rimas; e deixar que a viração perpassasse e repasse em repetidas carícias, e consentir que o céu alto e azul e lavado nos fite longamente uma manhã inteira ou toda uma tarde, enquanto o mar, as ilhas, as encostas e as baixadas tentam docemente em verdes sonolências.

Histórias...

Não nos cabem somente sombra e frescor.

Mas certo, a existência à maneira baiana levemente pára tanto se inclina... ou reclina.

Entretanto, os que por isso nos condenam, nos invejam, são despeitos seus reproches.

Mesmo assim, se há tantos acordados ao vosso redor, não cochileis demais.

Reincidi, porém, e imitai ós modelos ativos de nossos avítos.

Acudi, ainda, nesta observação: a de que os expoentes da inteligência baiana não foram sobretudo cientistas ou inventores, ou criadores de riqueza, ou executores de força, mas, por cima de tudo, artista... um Vieira, um Ruy, um Castro Alves... e aquela série de virtuosos da arte política e da eloquência, que na época da formação e desenvolvimento do país, praticando a política pela política (arte pela arte), modelaram a nacionalidade, como os grandes escultores as grandes estátuas.

E notai também como sempre fomos dados os holocausto (extrema beleza no sacrifício), desapareados dos interesses do indivíduo ou da região, toda vez que se lhes atravessaram os nacionais.

Assim fomos desde cedo, na guerra de Holanda e na da

Independência, e assim, e de que modo! e com que bravura! e com quanto sangue! na do Paraguai. Assim o fomos durante todo o período imperial, quando tanto mandamos no Brasil, sem o governarmos para a Bahia. Assim vamos sendo e continuando, incorrigivelmente abnegados e sacrificados.

Assim deveis vós de ser, porque nisso está a essência social, cultural e política da Bahia, uma das formas de sua beleza e de sua grandeza, mesmo que seja de sua pobreza.

Com isso combatei uma detestável peste que nesta metade de século, entre nós, se desenvolveu.

Falo de um desanimado vício de desencanto, volúpia de narcóticos de tenacíssima melancolia, enlanguescer que começa por só acreditar no impossível e acaba por não crer nem mesmo no evidente; espírito sombrio a exalar sufocações que intoxicam aos que não sabem resistir a tais venenos.

Jamais omisso ou remissos em combatê-lo, a esse mau vício de excessiva censura desanimadora e pessimista, cuja origem está, mais que tudo, na preguiça de observar e estudar para fundamente julgar, e na facilidade de agudezas de agir e exprobar, que acabam calçando sapatos de escafandro a tudo o que marcha para melhor e maior.

Muito nos podemos, talvez, acusar um pouco disto. Mas é melhor que só culpemos aos vizinhos, que estão a martelar e cinzelar distintos derrotistas, irritados com o que não sabem ou não querem fazer: "terra do já houve", "só na Bahia se vê disto" quali não vai para adiante", voçs vão ver quanto isto dura", e até: a Bahia não comporta isto, é bom ou grande demais para ela".

Guerra crua contra estes pitadores de maconha.

Esfregai-lhes no nariz o confronto de tamanho maldizer intimidante com o entusiasmático louvor contínuo dos paulistas (a cada hora, com ou sem cabimento) a tudo o que foi e será, ou lhes parece grande na grande terra de São Paulo, irmã e amiga.

Tarefa esta a que vos convoco, por ser local, não é se

cundária. E para ela vos socorre o passado, com suas evocações e o presente, com suas afirmações.

Noto que nesta arenga vou-me alongando, descuidado do que diz de particularidades de vossa tarefa de ensinar.

Bem vistas como é diferente ser estudante no ginásio e na Universidade. Ireis experimentar como é dissemelhante ser mestre ali e cá.

Em saber vos alteastes; e deveis subir cada vez mais. Para ensinar, porém, ireis, não digo baixar, mas restringir, e coartar.

A amplidão superior de conhecimentos de que vos embesteis aqui; o espírito de crítica a que já aludi, tereis que usá-los com usura ao lidar com inteligências diminutamente apercebidos de notícias dos temas, que ides desenvolver e transmitir.

São tormentos desse nobre mister de ensinar tais limitações.

Para dentro dos muros universitários o mestre antes quereria ser pesquisador que professor.

Quantas vezes, recordai um pouco comigo, meus alunos que fostes de História do Brasil, quantas vezes eu e vós outros meus queridos e saudosos companheiros de uma tão boa convivência - todos nós abandonávamos o caminho de ensinar e aprender para entrarmos juntos pelos desvios e veredas da dúvida, na busca de desvanecer obscuridades, completar insuficiências e encontrar com o documento a verdade, onde imperava a incerteza?!

Não raro, preferindo-as à síntese, vos instiguei à análise e à pesquisa.

Não desejo nest' hora que disso nos censuremos arrependidos. Bom ou mau estilo, prossequi com ele: mas somente quando fordes mestres de um curso superior.

Aos a quem pertencer a lida com alunos de curso secundário ou médio, o roteiro há de ser naturalmente diverso: nave

gação de cabotagem, terra à vista, itinerários balizados.

A outros e noutros nãos, as viagens de longo curso, que pedem o estudo de ventos, sondagem de profunduras e adivinhação de radares.

Então, com ginasianos, o que vos toca mais que tudo, é clareza para que vossas afirmações, acreditadas como infalíveis, sejam sedutoramente ditadas, sem hesitação, como axiomas.

E se me restringo ao de que mais entendo, ainda que pouco saiba, hei de lembrar que, em história pátria, não basta reza e simplificar, mas também cuidar em que em ânios juvenis se preserve a mística nacional, estimuladora de entusiasmos cívicos.

Muitas vezes intimamente me condenei de nas nossas aulas haver desvanecido lendas, contestado heroísmo, desmentido dramáticas frases e atitudes.

Não crelo, todavia, tenhais saído do curso com déficits porque vos aprofundastes um pouco no estudo mais exato e mais frio da História do Brasil.

Não foi esta, pelo menos, a intenção de vosso mestre. Nem pode ter sido o efeito de suas lições em vosso ânimo.

E vos tereis libertado, creio eu, do pessimismo que os confrontos do presente com as sublimações do passado instilam nos que menos conhecem a crônica.

Recebestes assim, em contrapartida, grande porção de tolerância e confiança.

O que vos terá ensinado a história nacional, estudada com realismo crítico, é crer, em formas de desassombro e de certeza, no futuro da pátria, por comparar com o mal presente aquilo que o pior do passado; por confrontar as fraquezas e até as impurezas dos humildes que somos, com as dos grandes, fortes e puros que a ela serviram como heróis.

Eu já vivi um pouco. E desde menino ouço, como um contínuo zumbido, o repetido pregão dos desastres incuráveis e das previsões catastróficas - "à beira do abismo".

Ora comigo sabeis, sobtraçando os anais, que o país tem

passado por crises semelhantes às que vamos sofrendo e lamentando, e até padecido piores, havendo sempre reação, remédio e cura.

Combatamos, pois, os males, matemos os micróbios, aban- donemos os médicos imperitos ou esperemos que eles se despeçam desanimados—mas vamos vencendo as doenças de hoje, como sararam as de outrora. A aparentes perecimentos haverá sempre ressurrei- ções.

Deste modo estou-vos dizendo que, tanto a história con- tada aos moços — para os inflamar ou encantar, quanto a versada pelos adultos — para saber as verdades por inteiro e nas suas intimidades — uma e outra, ambas elas entretêm no coração dos que estudam ânimo e firmeza no enfrentar com o presente, confi- ança e audácia em arrostar ao porvir.

Nem vos detenha algum drama de consciência que os lógi- cos vos sugiram — "se há duas verdades históricas não há nenhu- ma. História, afinal, é mero divertimento, excitante da inteli- gência, como o romance ou a poesia".

Não, uma e outra: a do compêndios e epítomes (dos cur- sos secundários), essa que se afeiçoa aos entusiasmos, dirigi- dos com intenção à adolescência; e a dos livros documentados e de crítica (aquela que se ensina nos superiores) e se destina aos a quem, conhecer toda a realidade não esmorece o patriotis- mo, ambas servas são, e exatas, da verdade uma.

Apenas a certas idades ou naturezas não se a conta por inteiro... "nem todas se dizem".

Em respeitando estações d'alma e capacidades de inteli- gência, resguardar ou silenciar análises não é variar ou frau- dar.

Tudo está em vós, como *meatres e autotres*, porque jamais a do- sagem da verdade a estorve ou dessirva, contradiga ou falseie.

Ainda as nações necessitam de civismo que só o passado acende e insufla.

Dia virá, talvez, em que a distinção entre elas e suas

prevenções e alianças se desfaçam em humanidade fraternizada, num mundo sem barreiras. Mas isto será ainda um sonho para a vossa geração e a dos netos dos vossos bisnetos.

Até lá, ou ensinando história, ou as outras discipli- nas, em que vos licenciastes, não vos escape este nobre dever, de provocar ou doutrinar o amor à pátria.

Ainda um conselho, não, uma sugestão!

Restaurai um costume antigo que se perdeu: o de redigir apostillas para vosso próprio uso. Daí é que nascem os compên- dios, ou mesmo os tratados que se tornaram, infelizmente, tão raros em prelos balanos. Enquanto se abusa, alhures, da indús- tria dos livros didáticos, muitos deles tão às pressas compostos para alcançarem o privilégio de "adotados", e a oportuna venda nos começos dos períodos escolares, que saem ingados de erros, uns graves, outros ridículos; enquanto o tipo ou modelo anual dos compêndios (como o das canetas, geladeiras e automóveis) é uma exploração mercantil que encarece o ensino e o prejudica: os professores balanos se encolhem (com raras excepções), como que ciumentos de suas preleções (quantas brilhantes e sábias), receiosas, não se sabe porque, de as vasar em letra de forma.

Enristai contra isto. Preparai dia a dia vossas lições, enriquecendo-as e limando-as sempre, compõe com elas os vos- sos tomos para dá-los à estampa.

Isso obriga a um contínuo estudo metódico, dá satisfa- ção orgulhosa de autores e (tenho acanhamento de segredar...) dá rá interesses não desprezíveis.

É já tempo, acudindo à vossa impaciência, de deixar-vos em paz e ventura.

Estais feitos e refeitos.

No panorama dos decênios vai galopar diante de vós a cavalgata irrefreável.

Em cinco anos mudastes para o mundo.

Em cinquenta mudará o mundo para vós.

Meio século basta para transformar a face da terra... e

alterar a essência das almas.

Aos que nela já peregrinamos por mais de dez lustros (não é o vosso caso, e provêra a Deus não fosse o meu), tudo pã rece virado pelo avesso. Sentimentos, conceitos, sistemas, teo rias, práticas, métodos, ideais, tudo ou quase tudo transformã do ou superado, quando não abandonado ou destruído.

O que nos falava a última palavra definitiva, disse a penúltima e duvidosa ou logo a desmentida ou relegada.

Uma vontade andou-me tentando. E comecei a pô-la por obra. Mas vi que dilataria esta oração, num catálogo de não mais acabar, se relatasse os contrastes, como entre luz e som bra, entre o que vi, assisti e senti na minha menhinice e o que hoje o mundo, a nação e a nossa cidade estão nos diariamen te fazendo ver, assistir e sentir.

Não vos dou assim os exemplos e os fundamentos, mas acre ditai no que vos digo: não confieis demais na durabilidade do definitivo. Ou ele não existe.

Crede, todavia, em que a época que se vos defronta é e será bem melhor, a todos os títulos do que a que nos foi dado viver, aos um pouco menos jovens do que vós.

Tudo melhora ou melhorou, e cresce e se enriquece e apu ra nesta Bahia.

Já ninguém poderá ter as redeas ao pégaso no voo. Escolhei o que quiserdes para vossos cotejos de um paí sado próximo, com este nosso presente promissor. Vereis quanto somos agora diferentes e melhores (ainda que não nos sintamos felizes).

Não importam crises, erros, partidos, homens, perturba ções que são regressos momentâneos.

É observar o largo e extenso e o profundo, sem reparar nessas rugas na evolução nacional ou local. Vereis em breve o que se distilará em política, em letras, em economia, em arte, dessa borra que ainda ferve e espuma nos apodreceidouros ou nas retortas da vida contemporânea.

Sente-se que se inicia um momento de pausa. Bemventu-

rados vós que ides viver nessa intermissão.

Podê ser que me engane, mas vislumbro em tudo um fim de crise, que anuncia e começa um período de equilíbrio.

Já cansa de agitação, indisciplina, apelo à força, des respeito total às normas da tradição.

Os espetáculos, tão dolorosos aliás, a que estamos as sistindo, são os últimos arrancos de uma era, e os derradeiros impulsos de tiranias moribundas.

Sereis os felizes que colherão nos alambiques da histó ria o licor que ela está elaborando.

Sereis por isto venturosos.

Mas vossa missão e responsabilidade não minguarão, rea gindo e anuindo, repulsando e adotando - educando.

Pela mão das recordações vai-se-me o espírito suavemen te levado a uma solenidade como esta.

Não direi a quanto anos... para não assustar. Mas os sã beria contar aos dedos, bem mais nodosos, por bem mais antigos, que os meus, o nosso e vosso diretor Isaías Alves, que era en tão, como hoje, colega e já, como hoje, mestre.

Revejo-me de beca aguardando o momento emocionante da partida para o futuro, tão cintilante de promessas como esse que agora divisais, embora as turbassem temores e dúvidas, e se me apertasse o coração de uma espécie de grata tristeza, que ainda agora estou sentindo, talvez irmã da que percebo enevoar em vossos olhos moços.

O ensinar assim na idade proveecta, quando os afetos e as emoções como que retornam, suas primeiras intensidades, traz essa pena: que a gente cria estíma de pai a filhos, que ano por ano nos fogem lamentados pela ausência, pela dispersão e pela saudade.

Então custa repetir aquela exortação inicial, amarrada a um como remorso, porque parece que fria e cruelmente nos des

Ligamos de quem tanto queremos.

Para onde?

Para quando?

Mas... "ide e ensina!".

... e assim, a vida se desenrola, e a gente vai aprendendo a lidar com a vida, com a morte, com a dor, com a alegria, com a tristeza, com a esperança, com a fé, com o amor, com a caridade, com a paciência, com a humildade, com a simplicidade, com a pureza, com a bondade, com a gentileza, com a doçura, com a ternura, com a suavidade, com a harmonia, com a beleza, com a sabedoria, com a ciência, com a arte, com a cultura, com a ciência, com a tecnologia, com a inovação, com a criatividade, com a curiosidade, com a vontade de aprender, com a vontade de crescer, com a vontade de melhorar, com a vontade de ser feliz, com a vontade de fazer bem, com a vontade de amar, com a vontade de ser amado, com a vontade de viver, com a vontade de morrer.